

A pastoral juvenil numa Igreja jovem

Sessão de encerramento da XX Semana de Estudos Teológicos

Caros organizadores e participantes nesta XX Semana de Estudos Teológicos, embora nem sempre presente, por motivos de agenda, acompanhei de perto estes trabalhos. Estou contente pelo alto valor científico alcançado e –o que não é menos- pela mobilização que certamente operou no vosso interior. Agora, convoco-vos a todos para a missão da pastoral juvenil.

1. SERVIR OS JOVENS OU SERVIR-SE DELES?

Como sabemos, hoje, os jovens estão na moda. A cultura juvenalística actual valoriza-os muito. Mas não sei se sempre pelas melhores razões. Concretamente o mundo político dedica-lhes muita atenção e recursos. Enormes subsídios a associações de estudantes, promoção de festas contínuas, incentivo à mobilidade, Erasmus, Pousadas da Juventude, Campos de Férias e similares, o impingir, de forma organicamente sistemática, de noções –falsas e falseadoras- de uma sexualidade prazenteira e descartável, etc., tudo se usa para atrair a benevolência dos jovens e suas famílias. Porventura, à espera de que isso seja compensado por votos. Ou será antes para os manter anestesiados? Se não é, parece. Hoje mesmo, nesta manhã, os jornais trazem-nos a notícia de que o desemprego juvenil, concretamente o de longa duração, ultrapassa os 35%. Se o desemprego bruto já atingiu a cifra incrível dos 14%, veja-se o drama do juvenil que é duas vezes e meia superior.

Mas isto não admira. Nesta cultura de massa, cozinhada na panela do neo-liberalismo, ninguém dá nada e, fundamentalmente, **ninguém se dá**. Ninguém se dá, a ponto de se esquecer de si para viver para os outros. Seja na família –depois dizemos que a família está em crise, como se isso fosse um fatalismo- seja na sociedade, na vida política e até nas vocações de especial consagração.

2. SERVIÇO ECLESIAL: A RAZÃO DO SENTIDO

Lançando mão da conhecida frase evangélica, “*entre vós*”, na Igreja, “*não deve ser assim*” (Mt 20, 26). Nós nem nos servimos dos jovens nem podemos cair na tentação de nos servirmos deles. Pelo contrário, a nossa missão, a vossa missão, caros agentes de pastoral juvenil, é servi-los. Não a modos dos políticos, de que falei, dando-lhes, porventura, os tais bolos agradáveis ao sabor, mas que depois se vêm a revelar trágicos para a saúde e o equilíbrio pessoal. Mas servi-los, oferecendo-lhes o essencial, o que efectivamente procuram, de forma explícita ou, na maior parte das vezes, apenas balbuciada: um sentido para a vida, as razões da existência, as condições que preenchem o seu ser e façam dele um ser auto-possuído em liberdade, isto é, gratificante e belo, em tensão individualidade/socialidade.

Ora, este serviço passa, irrecusavelmente, por inserir o jovem no círculo de amigos de Jesus Cristo. É aí que o jovem encontra a sua auto-consistência, a abertura ao mundo dos comuns amigos do Mestre e o sentido gozoso de uma vida que se realiza na dádiva, ao contrário do que insinua a cultura actual. Sim, porque continua válido o brado de Jesus:

“Quem pensa que aferrolha a vida para si mesmo, perde-a; mas quem a coloca ao serviço de um grande projecto, ganha-a em plenitude” (Mt 25, 46).

3. URGÊNCIA DA PASTORAL JUVENIL

Convoco-vos, pois, para esta missão. Urgentíssima. Absoluta prioridade na tarefa da Igreja. É que a experiência diz-nos e a Sociologia confirma que, frente a uma pessoa que não haja recebido formação religiosa na adolescência/juventude e não tenha conseguido integrar a fé na vida, quase nada mais nos resta que não seja a virtude da esperança: esperança de uma sempre hipotética conversão na idade adulta. Conversão que é possível, mas não muito frequente.

Por isso, há mais de um século que a Igreja vem a privilegiar a evangelização da gente nova, por muitos motivos, mas fundamentalmente pelos seguintes factores:

- «**economia**», já que, uma vez evangelizada, a pessoa manter-se-á como “fiel” no resto da sua existência;
- «**funcionalidade**», pois sendo os jovens mais sociáveis que os adultos, são muitas vezes aqueles que mais influência exercem entre os colegas;
- «**familiaridade**», na medida em que um casal crente acabará por transmitir a fé às novas vidas que dele venham a surgir;
- «**rentabilidade**», pois se a fé é para ser “*sal da terra e luz do mundo*”(Mt 5, 13) então a fé acabará por chegar à sociedade pela acção que eles venham a exercer nela.

4. NA PASTORAL JUVENIL JOGA-SE O FUTURO DA FÉ

Mas se os jovens não são evangelizados, não se poderá falar somente em mais uns quantos que não possuem fé, mas a curto ou médio prazo os fenómenos da indiferença religiosa, do agnosticismo ou até do ateísmo crescerão em progressão geométrica. Isto é, jovens não evangelizados não viverão a fé na idade adulta (o mais extenso período vital) e logicamente não a transmitirão nem aos colegas, nem aos filhos, nem à sociedade. E infelizmente, o nosso tempo apresenta-nos esta situação angustiante de um sempre crescente número de jovens que não é minimamente atingido pela fé.

A postura dos jovens perante a fé, os seus contextos religiosos e as situações existenciais obrigam a comunidade cristã a tomar posições e a comprometer-se. São autênticos reptos que se lançam a quem sente o peso do drama (sem angustias inúteis) de tantos e tantos jovens que não se realizam no encontro com Cristo e com a comunidade salvífica que O continua, a Igreja. Estes reptos são sinais de gravidade, urgência e amplitude. Mas não deixam também de se apresentarem como oportunidades reais carregadas de possibilidades. Saibamos todos nós aproveitá-las.

Então, mãos à obra! E que o Senhor vos acompanhe!

+ Manuel Linda,
Bispo Auxiliar de Braga.